

EVENTOS PRIVADOS: UMA APROXIMAÇÃO ENTRE SKINNER E WITTGENSTEIN

Luiza Bacchi Dourado (PIBIC/FA/Uem), Carlos Eduardo Lopes (Orientador),
Carolina Laurenti (Coorientadora), e-mail: luizabacchi@hotmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Artes e
Letras/Maringá, PR.

Ciências Humanas - Psicologia

Palavras-chave: pragmatismo, eventos privados, behaviorismo skinneriano

Resumo:

Ao compreenderem a noção de significado de forma contextualista, Skinner e Wittgenstein afastam-se do referencialismo. No caso de Wittgenstein, adotar uma concepção contextualista permite a crítica ao conceito de linguagem privada como forma de explicação de termos subjetivos. A linguagem privada recai no referencialismo porque parte da afirmação da existência de algo interno e anterior à linguagem, que seria apenas nomeado ou descrito por ela. Já Skinner adota uma concepção contextualista quando defende que o significado do comportamento verbal deve ser buscado nas variáveis de controle e nas práticas da comunidade verbal que instala e mantém esse comportamento. Restaria, então, a pergunta: a explicação skinneriana dos termos subjetivos, incluindo o conceito de eventos privados, escapa às críticas de Wittgenstein à linguagem privada? Esta pesquisa, de natureza conceitual, teve como objetivo responder essa pergunta. Para tanto, foram comparadas as teses de Wittgenstein acerca da linguagem privada com as teses skinnerianas sobre eventos privados. Os resultados mostram que, em geral, as propostas de Skinner e Wittgenstein caminham na mesma direção. Contudo, a descrição skinneriana do emprego de termos subjetivos por meio da transferência de estímulos apresenta ruídos na aproximação com Wittgenstein. Essa forma de aprendizagem parece implicar em uma noção realista de estímulo, onde o estímulo (evento privado) existiria fora e antes da relação verbal, enquanto a linguagem aprendida apenas descreve esse evento. Com isso, conclui-se que uma interpretação realista de estímulo afastaria Skinner da proposta de Wittgenstein, identificando a teoria de eventos privados com uma forma de linguagem privada.

Introdução

Wittgenstein em sua obra *Investigações Filosóficas* (1979) aproxima-se do pragmatismo linguístico ao abandonar as noções representacionistas

da linguagem assim como as investigações dos problemas da filosofia tradicional. Seguindo uma concepção pragmatista, Wittgenstein considera que toda linguagem é socialmente aprendida como um "jogo", com regras, limites e objetivos bem estabelecidos. Como decorrência dessas características, o significado da linguagem deveria ser buscado em seu uso, em cada jogo, e não em um mundo pré-linguístico.

Partindo dessa concepção de linguagem, Wittgenstein (1979) tece duras críticas ao conceito de linguagem privada. Uma linguagem privada seria aquela que se refere a estados ou processos internos, experimentados apenas pelo próprio sujeito. Essa privacidade insuperável levaria à defesa de que a significação de uma linguagem privada é autogerada, ou seja, o sujeito criaria essa linguagem sem qualquer apoio social. Evidentemente, isso não pode ser admitido por uma concepção pragmatista de linguagem (FAUSTINO, 1995).

Skinner, por sua vez, também se aproxima do pragmatismo linguístico, quando opõe o comportamento verbal às teorias tradicionais do significado como o referencialismo e a teoria de expressão de ideais. O comportamento verbal adota uma concepção de significado contextualista, na qual a significação está ligada ao contexto e aos usos das palavras em cada contexto. Isso fica claro quando Skinner defende que o significado do comportamento verbal deve ser buscado nas variáveis de controle e nas práticas da comunidade verbal que instala e mantém esse comportamento (ABIB, 1994).

A proposta skinneriana do comportamento verbal é, portanto, consistente com o pragmatismo linguístico e, conseqüentemente, com a concepção de Wittgenstein. Mas será que essa aproximação também se verifica em relação às críticas à linguagem privada? Afinal, seria possível conciliar a crítica wittgensteiniana à linguagem privada com o conceito skinneriano de eventos privados? O objetivo desta pesquisa foi tentar responder essas questões.

Materiais e métodos

Para alcançar o objetivo foi realizada uma pesquisa de natureza conceitual dividida em três etapas. Na primeira etapa foi feito um levantamento e sistematização das críticas de Wittgenstein à linguagem privada presentes no livro *Investigações Filosóficas* e alguns textos de apoio. Na segunda etapa foi realizada uma sistematização das teses skinnerianas a cerca da teoria de eventos privados, utilizando como referência principalmente o texto *The operational analysis of psychological terms*. A terceira e última etapa consistiu na elaboração de um texto apresentando a comparação entre a teoria skinneriana de eventos privados e as críticas de Wittgenstein à linguagem privada.

Resultados e Discussão

De acordo com Wittgenstein (1979), uma linguagem privada apresentaria as seguintes características: ela representaria processos e estados internos ligados a sensações; ela teria significação a priori; os

objetos que ela representa seriam internos e acessados apenas pelo próprio indivíduo; esses objetos internos seriam auto significados e auto corrigidos pelo indivíduo (FAUSTINO, 1995). Wittgenstein destaca que ao se propor a representar processos e estados internos a linguagem privada mostra sua evidente ligação com teorias tradicionais do significado como o representacionismo. Além disso, toda linguagem tem sua significação no uso e, portanto, sua significação é sempre aprendida e corrigida socialmente. Como a linguagem privada representaria algo que só pode ser acessado pelo próprio sujeito, apenas ele significa essa linguagem; apenas o sujeito saberia o que isso quer dizer, ele inventaria, por conta própria, essa linguagem, sem qualquer apoio social. Mas se assim fosse, ninguém além do indivíduo poderia compreender essa linguagem; mais do que isso, o uso de palavras "privadas" nunca poderia ser corrigido por ninguém, não seria possível estabelecer os limites de uso correto, tornando, assim, tais palavras sem sentido e a linguagem privada incompreensível até mesmo para o próprio sujeito. A linguagem privada seria, então, uma linguagem sem sentido, incompreensível e inútil (WITTGENSTEIN, 1979).

Quanto a teoria de eventos privados, Skinner descreve algumas estratégias que a comunidade verbal empregaria para ensinar o indivíduo a falar de eventos privados. Todas essas estratégias são indiretas, uma vez que os eventos privados só poderiam ser diretamente acessados pelo próprio sujeito. Em uma primeira estratégia, a comunidade verbal ensina e reforça uma resposta verbal a um evento privado com base em acompanhamentos públicos. Uma segunda estratégia é empregada no ensino de respostas verbais descritivas do próprio comportamento. Inicialmente o indivíduo aprende a descrever seu comportamento público, observado pela comunidade verbal, mas quando esse comportamento torna-se encoberto, o indivíduo pode continuar a descrevê-lo sob controle de estímulos privados que acompanham o comportamento encoberto. Por fim, a última estratégia se dá pelo princípio de indução ou transferência de estímulo. Nesse caso, uma resposta verbal controlada, originalmente, por estímulos públicos, pode passar a ser emitida sob controle de estímulos privados, se os estímulos públicos e privados apresentarem propriedades semelhantes (SKINNER, 1945).

Nas duas primeiras estratégias parece que as ideias de Skinner e Wittgenstein ainda caminham na mesma direção. Porém, no caso da indução ou transferência de estímulos parece haver ruídos na aproximação entre os dois autores. Nas primeiras estratégias admite-se que os estímulos são, pelo menos em parte, acessíveis à comunidade verbal, que pode ensinar de maneira ostensiva as respostas verbais aos eventos privados sem recair em uma "autossignificação" e "auto-aprendizado" dessas respostas. Em outras palavras, o aprendizado social está preservado na medida em que a comunidade verbal tem um acesso, ao menos parcial, e pode corrigir as respostas verbais de acordo com esses elementos públicos.

Já na última estratégia, Skinner (1945) parece afirmar que as respostas verbais seriam transferidas pelo (e para) o indivíduo do estímulo público para o estímulo privado, por meio de metáforas ou metonímias.

Nesse sentido, termos usados para falar dos estímulos públicos passariam a ser usados para falar sobre estímulos privados. Subjaz a esse argumento uma noção realista de estímulo, na qual o estímulo privado teria um significado anterior à linguagem e comparável ao significado socialmente construído de um estímulo público. Com isso, conclui-se que uma interpretação realista de estímulo afasta a teoria skinneriana da proposta de Wittgenstein, identificando a teoria de eventos privados com uma forma de linguagem privada.

Conclusões

Na tentativa de comparar as teses skinnerianas acerca dos eventos privados e a crítica à linguagem privada feita por Wittgenstein, o ponto central é a concepção de estímulo adotada por Skinner. Em alguns momentos parece que o próprio Skinner (1945) abre margem para uma interpretação realista de estímulo. Nesse caso, a teoria de eventos privados parece se aproximar do conceito de linguagem privada, criticado por Wittgenstein. Uma concepção realista de estímulo está ligada às teorias tradicionais do significado, especialmente o representacionismo, que veem a linguagem como uma forma de espelhar (ou representar) um mundo pré-linguístico. No caso da teoria de eventos privados, esse mundo representado pela linguagem seria um mundo interno ou privado, que só pode ser diretamente acessado pelo próprio indivíduo. Considerando essa interpretação, a teoria de eventos privados parece inconsistente com a concepção de linguagem apresentada pelo próprio Skinner nas discussões sobre comportamento verbal, indicando um ruído não apenas nas aproximações com Wittgenstein, mas na coerência do próprio comportamentalismo radical.

Agradecimentos

Ao Programa de Iniciação Científica da UEM, PIBIC e à Fundação Araucária.

Referências

ABIB, J. A. D. O contextualismo do comportamento verbal: a teoria skinneriana do significado e sua crítica ao conceito de referência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v.10, n.3, p. 473-487, 1994.

FAUSTINO, S. **Wittgenstein: o eu e sua gramática**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

SKINNER, B. F. The operational analysis of psychological terms. **Psychological Review**, v.52, n.5, p. 270-277, 1945.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Tradução de José Carlos Bruni. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.